

MARLON JAMES

LEOPARDO

NEGRO,

LOBO

VERMELHO

Tradução de André Czarnobai



[Conheça outro título do autor](#)

[Leia também](#)

Para Jeff, pelo quarto de lua e um milhão de outras coisas.



AQUELES QUE APARECEM NESTE RELATO

EM JUBA, KU e GANGATOM

KWASH DARA, filho de Kwash Netu. Rei do Reino do Norte, vulgo
Rei Aranha

RASTREADOR, caçador conhecido apenas por este nome

SEU PAI

SUA MÃE

TITIO AMADO, um dos grandes líderes da tribo Ku

KU, território que também dá nome a uma tribo ribeirinha

GANGATOM, território que também dá nome a uma tribo ribeirinha,
inimiga dos Ku

LUALA LUALA, território que também dá nome a uma tribo ribeirinha
ao norte de Ku

ABOYAMI, um pai

AYODELE, seu filho

FEITICEIRO, o necromante da tribo Ku

ITAKI, uma bruxa do rio

KAVA/ASANI, um menino da tribo Ku

LEOPARDO, caçador metamórfico conhecido por alguns nomes

YUMBOES, gnomos dos campos, protetores das crianças

SANGOMA, uma antibruxa

OS MINGI, que são:

Garoto Girafa

Menina Fumaça

Albino

Garoto Bola

Irmãos Siameses

ASANBOSAN, monstruoso devorador de carne humana

O CHEFE DE GANGATOM

EM MALAKAL

O AESI, chanceler de Kwash Dara

BUNSHI/POPELE, jengu do rio, sereia, metamórfica

SOGOLON, a Bruxa da Lua

SADOGO, da tribo dos Ogos, homens altos e poderosos que não são
gigantes

AMADU KASAWURA, traficante de escravos

BIBI, seu servo

NSAKA NE VAMPI, uma mercenária

NYKA, um mercenário

FUMELI, arqueiro do Leopardo

BELEKUN O GRANDE, um ancião obeso

ADAGAGI O SÁBIO, um ancião sábio

AMAKI O ESCORREGADIO, um ancião que ninguém conhece

NOOYA, uma mulher possuída pelo Pássaro Trovão

OS BULTUNGI, justiceiros

ZOGBANU, trolls oriundos do Pântano de Sangue

VENIN, uma menina criada para ser oferecida como alimento aos
Zogbanu
CHIPFALAMBULA, um grande peixe
GHOMMIDS, criaturas das florestas eventualmente dóceis
EWELE, um ghommid brutal
EGBERE, seu primo, violento quando está com fome
ANJONU, entidade do Reino das Trevas capaz de ler corações
MACACO MALUCO, um primata ensandecido

EM KONGOR

BASU FUMANGURU, ancião do Reino do Norte, assassinado
SUA ESPOSA, assassinada
SEUS FILHOS, assassinados
OS SETE ALADOS, mercenários
KAFUTA, senhor de uma casa
DONA WADADA, dona de um bordel
EKOIYE, prostituta apaixonada por almíscar de civeta
O BÚFALO, um búfalo muito esperto
BRIGADA DO CLÃ DE KONGORI, a polícia local
MOSSI DE AZAR, terceiro comissário da Brigada do Clã de Kongori
MAZAMBEZI, um comissário
OGO VERMELHO, outro Ogo
OGO AZUL, outro Ogo
O MESTRE DA DIVERSÃO, o melhor lutador de Ogo
LALA, seu escravo

AS BRUXAS DE MAWANA, sereias do barro, também conhecidas como
jengu da lama

TOKOLOSHE, um duende capaz de ficar invisível

EM DOLINGO E NO MWERU

VELHO, senhor de uma cabana e *griot* do Sul

A RAINHA DE DOLINGO, autoexplicativo

SEU CHANCELER

MENINO ESCRAVO DOLINGO

CIENTISTAS BRANCOS, os necromantes e alquimistas mais sombrios

IBEJI RUIM, um gêmeo com má-formação

JAKWU, guarda branco do Rei Batuta

IPUNDULU, Pássaro do Trovão vampiro

SASABONSAM, irmão alado de Asanbosam

ADZE, vampiro e nuvem de insetos

ELOKO, troll do mato, canibal

LISSISOLO DE AKUM, irmã de Kwash Dara, freira da Irmandade
Divina

SOMBRAS ALADAS, demônios da noite que servem a Aesi

EM MITU

IKEDE, um *griot* do Sul

KAMANGU, um filho

NIGULI, um filho

KOSU, um filho

LOEMBE, um filho

NKANGA, um filho

KHAMSEEN, uma filha

NO MALANGIKA E NO REINO DO SUL

UMA JOVEM BRUXA

UM COMERCIANTE

SUA ESPOSA

SEU FILHO

KAMIKWAYO, um cientista branco que se transformou em monstro

1

UM CÃO, UM GATO, UM LOBO E UMA RAPOSA

Bi oju ri enu a pamo.

UM

A criança está morta. Não há mais o que saber.

Dizem que uma rainha no Sul mata o homem que lhe traz más notícias. Então, se anuncio a morte do menino, também escrevo a minha sentença? A verdade engole mentiras como o crocodilo engole a lua, mas meu testemunho é hoje o mesmo de amanhã. Não, eu não o matei. Contudo, eu quis, talvez, sua morte, desejando tal qual um esganado deseja carne de carneiro. Ah, puxar a corda do arco, disparar através de seu coração negro e vê-lo explodir sangue negro, vigiar seus olhos até o momento em que param de piscar e olham sem nada enxergar, escutar o rangido de sua voz e ouvir seu peito ofegar os suspiros da morte, dizendo “Veja, minha alma miserável está deixando meu corpo ainda mais miserável”, e sorrir com essas notícias, e dançar sobre essa perda. Sim, eu me regozijo só de pensar nisso. Mas não, eu não o matei.

Bi oju ri enu a pamo.

Nem tudo o que o olho vê deve ser dito pela boca.

Esta cela é maior do que a anterior. Sinto o cheiro do sangue seco de homens executados; ouço seus fantasmas, que ainda gritam. Seu pão tem carunchos, e sua água tem a urina de dez mais dois guardas e da cabra que eles foderam só por diversão. Devo lhe contar uma história?

Eu sou apenas um homem que alguns chamam de lobo. A criança está morta. Eu sei que a velhota traz notícias diferentes a você. “Chame-o de assassino”, diz ela. Ainda assim, meu único

arrependimento é não tê-la matado. Aquela ruiva disse que a cabeça da criança estava infestada de demônios. Isso se você acredita em demônios. Eu acredito em mau-olhado. Você parece ser um homem que jamais derramou sangue. Contudo, o sangue gruda entre os seus dedos. Um menino que você circuncidou, uma menina pequena demais para o seu grande... Olha só como isso te excita. Olha só pra você.

Eu vou te contar uma história.

Ela começa com um Leopardo.

E uma bruxa.

Inquisidor-geral.

Necromante.

Não, você não vai chamar os guardas.

Minha boca pode dizer coisas demais antes de ser calada pelos murros deles.

Olhe para você. Um homem com duzentas cabeças de gado que se deleita com um pedaço de pele de um menino e com a *koo* de uma garotinha que ainda não serve pra ser mulher de homem nenhum. É isso que você procura, não é? Uma coisinha obscura que não pode ser encontrada em trinta sacas de ouro, em duzentas cabeças de gado ou duzentas esposas. Algo que você perdeu — não, que foi tirado de você. Essa luz, você a vê e você a quer — não a luz do sol, nem a do deus trovão no céu da noite, mas uma luz sem máculas, a luz de um menino que não conhece mulheres, uma menina que você comprou como noiva, não porque você precisa de uma esposa, pois você tem duzentas cabeças de gado, mas uma esposa que você possa arregaçar, porque você procura por essa luz nos buracos, nos buracos escuros, nos buracos úmidos, nos buracos imaturos em que os vampiros também procuram, e você vai

encontrá-la, você vai arrumá-la para a cerimônia, circuncisão para o menino e consumação para a menina, na qual eles derramam sangue, e saliva, e esperma, e urina na sua pele, e você leva tudo isso até a árvore iroko e usa qualquer buraco que encontrar.

A criança está morta, assim como todo mundo.

Eu andei durante dias, através dos enxames de moscas no Pântano de Sangue e das rochas cortantes nos desertos de sal, através do dia e da noite. Caminhei rumo ao Sul até Omororo e não sabia, nem me importava. Fui detido como mendigo, visto como ladrão, torturado como traidor e, quando as notícias sobre a morte da criança chegaram ao seu reino, preso como assassino. Sabia que havia cinco homens na minha cela? Quatro noites atrás. O lenço em meu pescoço pertence ao único homem que saiu daqui andando com as próprias pernas. Algum dia, o olho direito dele pode até voltar a enxergar.

Os outros quatro. Grave bem o que lhe digo.

Os mais velhos dizem que a noite é tola. Ela não julga, mas não anuncia o que está por vir. O primeiro veio até mim pela minha cama. Acordei em meio ao meu próprio estertor, e era um homem, apertando minha garganta. Mais baixo que um Ogo, porém, mais alto que um cavalo. Com cheiro de quem tinha destrinchado bode. Me pegou pelo pescoço e me ergueu no ar, e os outros homens ficaram quietos. Eu tentei soltar seus dedos, mas era a garra de um demônio. Chutar seu peito era como chutar uma rocha. Ele me deixou suspenso, como quem admira uma pedra preciosa. Dei uma joelhada em sua mandíbula, tão forte que os dentes cortaram sua língua. Ele me soltou, e eu avancei contra suas bolas como um touro. Ele caiu, eu peguei sua faca, bem afiada, e cortei sua garganta. O segundo segurou meus braços, mas eu estava nu e escorregadio. A

faca — minha faca — eu cravei entre suas costelas e ouvi seu coração estourar. O terceiro homem gingava com pés e punhos, feito um inseto noturno, zunindo como um mosquito. Já eu fechei meu punho e estiquei dois dedos, como orelhas de coelho. Ferroei a polpa do seu olho esquerdo e arranquei a coisa toda lá de dentro. Ele gritou. Assistindo a seus berros no chão à procura pelo olho, esqueci dos outros dois homens. O gordo atrás de mim atacou, eu desviei, ele tropeçou, ele caiu, eu pulei, eu peguei a pedra que usava como travesseiro e esmurrei sua cabeça até sair um cheiro de carne do seu rosto.

O último homem era um garoto. Ele chorava. Estava atordoado demais para implorar por sua vida. Eu disse a ele que fosse homem em sua próxima vida, pois era menos que um verme nesta, e lancei a faca em seu pescoço. Seu sangue chegou ao chão antes de seus joelhos. Deixei o caolho viver, porque nós precisamos de histórias para nos sentirmos vivos, não é verdade... padre? Inquisidor. Não sei do que chamar você.

Mas esses não eram seus homens. Bom. Assim você não precisa cantar nenhum lamento para suas viúvas.

Você veio atrás de uma história e eu estou inclinado a contar, então os deuses devem ter sorrido para nós dois.

Havia um comerciante na Cidade Púrpura que disse ter perdido sua esposa. Ela havia desaparecido com cinco anéis de ouro, dez mais dois pares de brincos, vinte mais dois braceletes e dez mais nove tornozeleiras. “Dizem que você tem um bom faro para encontrar coisas que preferem ficar perdidas”, ele disse. Em anos, eu estava perto dos vinte, há muito tempo expulso da casa de meu pai. O homem pensava que eu era algum tipo de cão de caça, mas eu disse sim, dizem que eu tenho um bom faro. Ele me jogou a roupa

íntima de sua esposa. Seu cheiro estava tão fraco que mal se sentia. Talvez ela soubesse que, algum dia, homens viriam à caça, pois mantinha uma cabana em três aldeias diferentes, e ninguém era capaz de dizer em qual delas ela vivia. Em cada casa havia uma garota exatamente igual a ela e que atendia ao ser chamada pelo seu nome. A garota da terceira casa me convidou para entrar e me indicou um banco para que eu me sentasse. Ela perguntou se eu estava com sede e foi buscar um jarro de cerveja de masuku antes de eu dizer sim. Deixe-me lembrá-lo de que minha visão é ordinária, mas dizem que eu tenho um bom faro. Então, quando ela trouxe a caneca com a cerveja, eu já tinha farejado o veneno que ela havia colocado ali dentro, um veneno de esposa chamado baba-de-cobra, que perde o sabor quando misturado com água. Ela me entregou a caneca e eu a peguei, segurei sua mão e a torci para trás de suas costas. Encostei a caneca em seus lábios e a enfiei entre seus dentes. Suas lágrimas escorreram, e afastei a caneca.

Ela me levou até sua patroa, que morava numa cabana perto do rio. “Meu marido me bateu com tanta força que meu filho rebentou”, disse a patroa. “Eu tenho cinco anéis de ouro e dez mais dois pares de brincos, vinte mais dois braceletes e dez mais nove tornozeleiras, que eu darei a você, bem como uma noite em minha cama.” Eu peguei quatro tornozeleiras e a levei de volta ao seu marido, porque eu queria mais o dinheiro dele do que as joias dela. Depois, eu disse a ela para mandar a mulher da terceira cabana fazer cerveja de masuku para ele.

Segunda história.

Meu pai voltou pra casa uma noite trazendo o cheiro de uma pescadora. Ela estava no corpo dele, bem como a madeira de um tabuleiro de Bawo. E o sangue de um homem que não meu pai. Ele

havia jogado uma partida com um binga, um mestre de Bawo, e perdido. O binga quis coletar seus ganhos, e meu pai pegou o tabuleiro de Bawo e o quebrou na testa do mestre. Ele disse que estava numa estalagem distante, para que pudesse beber, bolinar mulheres e jogar Bawo. Meu pai bateu no homem até ele parar de se mexer, e depois deixou o bar. Mas não havia nenhum traço de suor nele, nem muita poeira, nem cerveja em seu hálito, nada. Ele não esteve em um bar, e sim na alcova de ópio de um monge.

Então, Papai entrou em casa e gritou para que eu saísse do celeiro onde eu morava, pois ele havia me expulsado de casa.

— Venha, meu filho. Sente-se e jogue Bawo comigo — disse ele.

O tabuleiro estava no chão, mas faltavam várias peças. Peças demais para tornar possível um bom jogo. Mas meu pai estava interessado em vencer, não em jogar.

Claro que você conhece Bawo, necromante; não preciso explicar para você. Quatro fileiras de oito buracos no tabuleiro, cada jogador fica com duas. Trinta mais duas sementes para cada jogador, mas nós tínhamos menos que isso, não lembro quantas. Cada jogador coloca seis sementes no buraco nyumba, mas meu pai pôs oito. Eu teria dito: “Papai, você está jogando ao estilo sulista, com oito em vez de seis?” Mas meu pai prefere bater do que falar, e ele já havia me batido por menos. Toda vez que eu colocava uma semente ele dizia “Capturei” e tomava ela de mim. Mas ele estava ávido por bebida e pediu vinho de palma. Minha mãe trouxe água para ele, e ele a puxou pelos cabelos, deu dois tapas nela e disse:

— Sua pele esquecerá estas marcas quando o sol cair.

Minha mãe não lhe daria a satisfação de vê-la chorar, então saiu dali e voltou com o vinho. Procurei o cheiro de veneno e teria ficado quieto se sentisse. Mas enquanto ele estava espancando minha mãe

por ela usar feitiçaria para retardar o envelhecimento dela ou para acelerar o dele, acabou perdendo o jogo. Plantei minhas sementes, duas num buraco bem no final do tabuleiro, e capturei as dele. Isso não agradou meu pai.

— Você levou o jogo para a fase mtaji — afirmou ele.

— Não, nós estamos bem no começo — disse eu.

— Como você se atreve a falar comigo com esse tom de desrespeito? Me chame de Papai quando falar comigo — ordenou ele.

Eu não disse nada e o encurralei no tabuleiro.

Ele não tinha mais nenhuma semente em sua fileira interna e não podia mais fazer nenhum movimento.

— Você roubou — disse ele. — Tem mais que trinta mais duas sementes no seu tabuleiro.

— Ou você está cego pelo vinho ou não sabe contar. Você pôs suas sementes, e eu as capturei. Então espalhei minhas sementes por toda minha fileira e construí uma barreira, mas você não tem semente para quebrá-la.

Ele me deu um soco na boca antes que eu pudesse dizer outra palavra. Eu caí do banco, e ele pegou o tabuleiro de Bawo para bater em mim do jeito que ele havia batido no binga. Mas meu pai estava bêbado e lento, e eu andava observando os mestres Ngolo praticando sua arte marcial perto do rio. Ele desferiu um golpe com o tabuleiro, e as sementes se espalharam voando pelo ar. Eu virei três cambalhotas para trás, como tinha visto eles fazendo, e me agachei como um guepardo preparado para o bote. Ele ficou me procurando como se eu tivesse desaparecido.

— Apareça, seu covarde — vociferou ele. — Você é covarde como sua mãe. É por isso que me dá prazer humilhá-la. Primeiro eu

vou te dar uma surra, depois vou dar uma surra nela por ter criado você, e depois vou deixar uma marca para que vocês dois se lembrem de que ela criou um menino para ser a mulher de outros homens.

A fúria é uma nuvem que esvazia minha mente e faz meu coração escurecer. Eu pulava e chutava o ar, cada vez mais alto.

— Agora ele salta como um animal — caçou ele.

Ele partiu pra cima de mim, mas eu não era mais um menino. Avancei contra ele dentro do casebre, mergulhei no chão com os braços à frente, usei minhas mãos à guisa de pés, girei meu corpo para cima como uma roda, joguei as pernas girando para cima, voltei meus pés erguidos na sua direção e prendi seu pescoço com eles, puxando-o para baixo com força. Sua cabeça bateu no chão com tanta força que minha mãe, do lado de fora, ouviu o estrondo. Ela entrou correndo e gritou.

— Afaste-se dele, criança. Você arruinou tudo para nós dois.

Eu olhei para ela e cuspi. Depois, fui embora.

Há dois finais para essa história. No primeiro, minhas pernas prendem-se ao pescoço dele e o quebram quando eu o jogo no chão. Ele morre ali mesmo, e minha mãe me dá cinco búzios e um pouco de sorgo enrolado numa folha de palmeira e me manda embora. Digo a ela que não levarei nada que era dele, nem mesmo roupas.

No segundo final, eu não quebro o pescoço dele, mas ele ainda bate com a cabeça, que se abre e sangra. Ele acorda retardado. Minha mãe me dá cinco búzios e um pouco de sorgo enrolado numa folha de bananeira e diz: “Vá embora deste lugar, seus tios são todos piores do que ele.”

Meu nome era posse de meu pai, então o deixei para trás ao cruzar seu portão. Ele vestia-se com as melhores túnicas, sedas de

terras que jamais conhecera, sandálias de homens que lhe deviam dinheiro, qualquer coisa que o fizesse esquecer de que vinha de uma tribo ribeirinha. Eu deixei a casa de meu pai sem querer levar nada que me lembrasse dele. O chamado do instinto havia me alcançado mesmo antes de eu sair de lá, e quis tirar cada peça de roupa. Para ter cheiro de homem, de azedume e fedor, não a fragrância de mulheres da cidade e eunucos. As pessoas me olhariam com o mesmo desprezo que reservam para o povo do pântano. Antes que eu pise numa cidade ou em algum aposento, entra primeiro minha audácia, como uma fera orgulhosa. O leão não precisa de roupas, tampouco a cobra. Eu iria até Ku, de onde veio meu pai, mesmo sem saber como chegar lá.

Me chamo Rastreador. Já tive um nome algum dia, mas o esqueci há muito tempo.

Terceira história.

Uma rainha de um reino do Oeste disse que me pagaria muito bem se eu encontrasse o seu Rei. Sua corte achou que ela estava louca, pois o Rei estava morto, afogado fazia cinco anos, mas eu não tenho nenhum problema em encontrar mortos. Peguei o adiantamento e fui até o lugar em que viviam aqueles que morriam afogados.

Segui andando e encontrei uma velha senhora com um grande cajado sentada às margens de um rio. Cabelos brancos nas laterais da cabeça, careca no topo. Seu rosto tinha rugas feito trilhas em uma floresta, e seus dentes amarelos indicavam que seu hálito era podre. Dizem as lendas que ela acorda todas as manhãs jovem e bonita, amadurece linda e graciosamente até o meio-dia, vira uma velha decrépita quando anoitece e morre à meia-noite, para renascer na hora seguinte. A corcunda em suas costas ficava mais alta que sua

cabeça, mas os olhos cintilavam, sinal de que a mente era aguçada. Peixes nadavam exatamente até a ponta do cajado, mas nunca além.

— Por que você veio a este lugar? — perguntou ela.

— Este é o caminho para Monono — respondi.

— Por que você veio até este lugar? Um homem vivo?

— Vida é amor, e não me resta mais amor nenhum. O amor escorreu de mim e desaguou num rio como este.

— Não foi amor que escorreu de você, foi sangue. Vou deixar você passar. Mas quando me deito com um homem, vivo sem morrer por setenta luas.

Então eu fodi com a velha decrépita. Ela deitou suas costas na margem, seus pés dentro do rio. Ela era só pele e ossos, mas me deixou duro e cheio de vigor. Algo nadava entre as minhas pernas, pareciam ser peixes. Sua mão tocou meu peito, e minhas listras de argila branca se transformaram em ondas no entorno do meu coração. Eu entrava e saía de dentro dela, desconcertado pelo seu silêncio. No escuro ela parecia estar ficando mais jovem, muito embora estivesse ficando mais velha. Chamas se espalharam pelo meu interior, chegando às pontas dos meus dedos e à ponta do meu corpo que estava no interior dela. O ar se reuniu ao redor da água, a água se reuniu ao redor do ar, e eu gritei, tirei de dentro, e chovi em sua barriga, seus braços e seus seios. Um arrepio percorreu cinco vezes meu corpo. Ela ainda era uma velha decrépita, mas eu não estava bravo. Ela limpou minha chuva do seu peito e a jogou dentro do rio. Imediatamente, os peixes começaram a saltar para fora da água e mergulhar, saltando de novo. Era uma daquelas noites em que a escuridão devora a lua, mas os peixes tinham uma luz dentro de si. Os peixes tinham cabeça, braços e seios de mulheres.

— Siga-os — orientou ela.

Eu os segui pelo dia e pela noite, e novamente pelo dia. Às vezes o rio era tão raso que batia no meu tornozelo. Às vezes era tão fundo que batia no meu pescoço. A água lavou todo o branco do meu corpo, livrando apenas meu rosto. Os peixes-mulher, as mulheres-peixe, me guiaram pelo rio por dias e dias e mais dias até chegarmos a um lugar que não consigo descrever. Ou aquilo era uma parede feita de água do rio, que permanecia sólida embora eu pudesse fazer minha mão atravessá-la, ou o rio havia se dobrado para baixo e eu ainda conseguia andar, meus pés tocando o chão, meu corpo erguido, sem cair.

Às vezes, a única maneira de prosseguir é atravessando. Então, eu atravesssei. Eu não senti medo.

Não sei dizer se parei de respirar ou se estava respirando debaixo d'água. Mas segui andando. Peixes do rio me cercaram como se perguntando minhas intenções. Eu segui andando, a água ao meu redor ondulando meus cabelos, enxaguando meus braços. Então me deparei com uma coisa que jamais havia visto em reino nenhum. Um castelo feito de pedra numa planície coberta de grama, com dois, três, quatro, cinco, seis andares. Em cada canto, uma torre com uma cúpula, também feita de pedra. Em cada andar, janelas cortadas na pedra, e abaixo de cada janela, um espaço cercado por grades douradas denominado terraço. Da construção partia um corredor que a conectava a outra construção e a outro corredor que a conectava a outra construção, e assim havia quatro castelos ligados uns aos outros, dispostos num quadrado.

Nenhum dos castelos era tão grande quanto o primeiro, e o último estava em ruínas. O momento em que a água desapareceu, deixando pedras, grama e céu, não sei dizer. Havia árvores numa linha reta até onde a visão alcançava, jardins quadrangulares e flores

em círculos. Nem mesmo os deuses tinham um jardim como aquele. Passava do meio-dia, e o reino estava vazio. Ao fim da tarde, que chegou rápido, brisas sopravam para cima e para baixo, e ventos impiedosos me atropelavam como homens gordos com pressa. Enquanto o sol se punha, homens, mulheres e feras surgiam no campo de visão e sumiam, aparecendo nas sombras, desaparecendo por entre os últimos raios de sol, aparecendo de novo. Sentei nos degraus do castelo maior e fiquei observando enquanto o sol mergulhava no escuro. Homens, andando ao lado de mulheres, e crianças que pareciam homens, e mulheres que pareciam crianças. E os homens eram azuis, e as mulheres eram verdes, e as crianças eram amarelas, com os olhos vermelhos e guelras no pescoço. E criaturas com cabelos de grama, e cavalos com seis pernas, e manadas de abadas com pernas de zebra, lombos de burro e chifres de rinoceronte na frente correndo ao lado de outras crianças.

Uma criança amarela veio até mim e disse:

— Como você chegou aqui?

— Eu vim pelo rio.

— E a Itaki deixou você passar?

— Não sei dessa Itaki, só encontrei uma velha com cheiro de musgo.

A criança amarela ficou vermelha, e seus olhos ficaram brancos. Seus pais vieram buscá-la. Eu fiquei de pé, subi os vinte degraus e entrei no castelo, onde mais homens, mulheres, crianças e feras riam e conversavam e falavam e fofocavam. No fim do corredor havia uma parede pintada com cenas de guerra e guerreiros esculpidos em bronze, uma das quais reconheci como sendo a batalha das terras do meio, onde quatro mil homens foram mortos, e outra como a batalha do Príncipe Caolho, que conduziu seu exército inteiro a um

precipício que confundiu com um monte. Encostado nessa parede havia um trono de bronze, que fazia o homem sentado nele parecer pequeno como um bebê.

— Estes não são os olhos de um homem temente a Deus — disse ele.

Eu sabia que aquele era o Rei, pois quem mais seria?

— Eu vim para levá-lo de volta ao mundo dos vivos — expliquei.

— Até mesmo na terra dos mortos ouviram falar de você, Rastreador. Mas você desperdiçou seu tempo e arriscou sua vida por nada. Eu não vejo nenhum motivo para retornar, nenhum motivo para mim, nenhum motivo para você.

— Eu não tenho motivo para coisa alguma. Eu encontro o que as pessoas perderam, e a sua Rainha perdeu você.

O Rei riu.

— Estamos aqui em Monono, onde você é a única alma viva e, ao mesmo tempo, o homem mais morto de toda esta corte — disse ele.

Inquisidor, eu queria que as pessoas entendessem que eu não tenho tempo para discussões desse tipo. Eu não disputo por ninguém e nada me fará disputar, então, não me faça perder tempo com discussões. Erga seus punhos e eu irei quebrá-los. Mostre sua língua e eu irei arrancá-la de sua boca.

O Rei não tinha guardas na sala do trono, então fui em sua direção, observando a multidão me observar. Ele não se empolgou nem ficou assustado, trazia em seu semblante apenas uma inexpressividade que dizia: “Estas são as coisas que devem acontecer a você.” Quatro degraus me conduziam à plataforma sobre a qual assentava seu trono. Dois leões estavam a seus pés, tão imóveis que eu não era capaz de distinguir se eram feitos de carne, espírito ou pedra. Ele tinha um rosto redondo com uma papada que era como

um segundo queixo, grandes olhos negros, um nariz achatado com duas argolas, e uma boca fina, como se tivesse sangue oriental. Usava uma coroa dourada sobre um lenço branco que escondia seu cabelo, um manto azul com pássaros prateados, e um peitilho púrpura por cima do manto, com uma borda de ouro. Eu poderia tê-lo dominado usando apenas um dedo.

Fui andando direto até o trono. Os leões nem se mexeram. Toquei o apoio para braço, esculpido em bronze na forma de uma pata de leão virada para cima, e se ouviram trovões sobre a minha cabeça, pesados, lentos, soando sombrios e lançando um cheiro pútrido ao vento. No teto, lá em cima, nada. Eu ainda estava olhando pra cima quando o Rei enfiou um punhal na palma da minha mão com tanta força que atravessou o braço do trono e ficou preso nele.

Eu gritei; ele riu e se acomodou em seu trono.

— Você pode achar que o submundo cumpre a promessa, ser uma terra livre de dor e sofrimento, mas essa é uma promessa que é feita aos mortos — disse ele.

Ninguém riu mais com ele, mas ficaram assistindo.

Ele ficou olhando para mim com olhos desconfiados, coçando seu queixo enquanto eu arrancava o punhal cravado em minha mão, o puxão me fazendo urrar. O Rei tomou um susto quando eu o segurei, mas apenas cortei o rabo do seu manto, arrancando um pedaço fora. Ele ria enquanto eu enfaixava a mão ferida. Dei um soco bem no meio da sua cara, e só então ouviu-se um murmúrio na multidão. Ouvi os passos mortíferos vindo em minha direção, então me virei. A multidão parou. Não, foi contida. Não havia nada no rosto daquelas pessoas, nem raiva nem medo. Então, a multidão recuou como um todo, olhando para o Rei às minhas costas, de pé,

segurando a pata ensanguentada do leão. O Rei jogou a pata para cima, em direção ao teto, e a multidão se admirou. A pata não caiu de volta. Alguns no fundo começaram a correr. Alguns gritaram, outros berraram. Homens pisotearam mulheres, que pisotearam crianças. O Rei continuava rindo. Então, ouviu-se um rangido, depois um rasgo, depois uma fratura, como se os deuses do céu estivessem arrebatando o telhado. Omoluzu, disse alguém.

Omoluzu. Andarilhos de telhado, demônios noturnos de uma era anterior a essa.

— Eles sentiram o gosto do seu sangue, Rastreador. Os Omoluzu nunca mais vão parar de te seguir.

Segurei sua mão e fiz um corte nela. Ele urrou como uma ribeirinha enquanto o telhado começou a se deformar, parecendo rachar e se quebrar e estalar, embora permanecesse intacto. Segurei sua mão sobre a minha e coletei seu sangue enquanto ele me estapeava e socava, como um garotinho tentando se soltar. A primeira forma emergiu do teto quando joguei o sangue do Rei para cima.

— Agora, nossos destinos estão entrelaçados — afirmei.

Seu sorriso desapareceu, ele ficou boquiaberto e arregalou os olhos. Arrastei-o pelos degraus enquanto o teto rugia e se partia. Homens negros de corpo, negros de rosto, negros onde os olhos deveriam estar, impulsionavam-se para fora do teto como se saíssem de dentro de buracos. Quando enfim emergiam, ficavam de pé no teto como nós ficamos no chão. Dos Omoluzu saíam lâminas de luz, afiadas como espadas e quentes como carvão em brasa. O Rei fugiu gritando, deixando sua espada para trás.

Eles atacaram. Comecei a correr, ouvindo-os saltar do teto. Eles pulavam e não caíam no chão, mas aterrissavam novamente no teto,

como se estivessem de cabeça para baixo. Fui em direção ao pátio externo, mas dois deles foram mais rápidos do que eu, saltando para o chão e erguendo as espadas. Minha lança defendeu os dois golpes, mas sua força me derrubou. Um avançou sobre mim brandindo a arma. Esquivei para a esquerda, desviei da lâmina e enterrei minha lança em seu peito. Ela entrou devagar, como se estivesse perfurando piche. Ele deu um pulo para trás, levando minha lança com ele. Peguei a espada do Rei. Dois às minhas costas me pegaram pelos tornozelos e me levaram até o teto, lá para cima, onde as trevas serpenteavam como o mar noturno. Brandi a espada na escuridão, decepei os braços de ambos e caí no chão como um gato. Outro tentou pegar minha mão, mas fui mais rápido e o puxei para o chão, onde ele se dissolveu como fumaça. Um veio pelo meu lado, e eu me esquivei, mas sua lâmina atingiu minha orelha, fazendo arder. Virei-me e as lâminas de nossas espadas se chocaram, fazendo faíscas estalarem no escuro. Ele recuou. Minhas mãos e pés se moviam como as de um mestre Ngolo. Rolei no chão e saí correndo, mão, depois pé, depois mão, até encontrar minha lança, perto da área externa. Havia muitas tochas acesas. Corri até a primeira e mergulhei minha lança no óleo e nas chamas. Dois Omoluzu estavam bem acima de mim. Eu os ouvi empunharem as lâminas para me cortar em dois, mas dei um salto com minha lança incandescente e os transpassei. Ambos foram consumidos pelas chamas, que se espalharam pelo teto. E então se dispersaram.

Corri pela área externa, atravessei o corredor e saí porta afora. Na rua, a lua brilhava fraca, como luz atravessando um vidro embaçado. O pequeno Rei gordo nem sequer havia fugido.

— Os Omoluzu só aparecem onde há um teto. Eles não conseguem andar no céu aberto — explicou ele.

— A sua esposa vai amar essa história.

— O que você sabe do amor que alguém sente por outro alguém?

— Vamos agora.

Comecei a empurrá-lo, mas havia outra passagem, com cerca de quarenta metros. Após cinco passos, o teto começou a rachar. Com dez passos, eles já corriam pelo teto tão rápido quanto corríamos pelo chão, e o pequeno Rei gordo estava ficando para trás. Dez mais cinco passos, e me abaixei para desviar de uma espada brandida na direção da minha cabeça e que derrubou a coroa do Rei. Perdi as contas depois de dez mais cinco. Na metade do caminho, peguei uma tocha e a joguei no teto. Um dos Omoluzu irrompeu em chamas e caiu, mas se esvaiu em fumaça antes de tocar o chão. Disparamos para fora mais uma vez. Ao longe se via o portão, com um arco de pedras que provavelmente era extenso o bastante para os Omoluzu aparecerem. Mas quando passamos correndo por baixo dele, dois saltaram de lá e um conseguiu desferir um golpe em minhas costas. Em algum ponto entre a corrida em direção ao rio e a saída pela parede de água, desapareceram tanto meus ferimentos quanto a lembrança de onde eles estavam. Procurei por eles, mas minha pele não tinha marca nenhuma.

Grave o seguinte: a jornada até o reino dele foi muito mais longa do que a jornada em direção à terra dos mortos. Dias se passaram até encontrarmos a Itaki na margem do rio, mas ela não era mais uma velha, e, sim, uma garotinha brincando na água, embora tenha olhado para mim da mesma maneira furtiva que uma mulher com quatro vezes a sua idade. Quando a Rainha encontrou seu Rei, ela ralhou e praguejou e bateu nele com tanta força que eu soube ser uma questão de dias até que ele se afogasse novamente.

Conheço bem esse pensamento que acaba de passar pela sua

cabeça. E todas as histórias são verdadeiras.
Há um teto sobre as nossas cabeças.

DOIS

Quando deixei a casa do meu pai, uma voz, talvez de um demônio, me disse para correr. Ao longo de casas, pousadas e estalagens para viajantes cansados, protegidas com o barro e as pedras de muros com a altura de três homens. Ruas conduziam a becos, e becos conduziam a música e bebida e briga, o que conduzia a briga e bebida e música. Vendedoras estavam fechando suas lojas e desmontando suas barracas. Homens andavam de braços dados com outros homens, mulheres passavam com cestos equilibrados em cima da cabeça, idosos ficavam sentados nos umbrais das portas, passando as noites como os dias. Eu esbarrei em um outro homem, e ele não xingou, mas deu um sorriso largo com seus dentes de ouro. “Você é bonito como uma menina”, disse ele. Eu me esgueirei pelo aqueduto, tentando encontrar o portão leste, a saída para a floresta.

Cavaleiros da manhã, portando lanças e trajados em túnicas vermelhas esvoaçantes, armaduras negras e coroas douradas decoradas com penas, montavam cavalos vestidos do mesmo vermelho. No portão, sete cavaleiros se aproximavam, e o vento era selvagem. As contendas do dia concluídas, seus cavalos passaram a galope por mim, deixando uma nuvem de poeira. Então os sentinelas começaram a fechar o portão, e eu saí correndo pela Ponte Que Tem Um Nome Que Nem Sequer Os Anciãos Sabem. Ninguém percebeu.

Andei por descampados que se estendiam como mar de areia. Naquela noite eu passei por uma cidade morta com muralhas em

ruínas. A casa vazia na qual dormi não tinha porta alguma, uma janela apenas. Nos fundos havia um monte formado pelos destroços de muitas casas. Não havia comida, e a água dos jarros tinha um gosto rançoso. O sono me alcançou no chão, enquanto eu ouvia o som das paredes de barro ruindo por toda a aldeia.

E o meu olho? O que tem ele?

Ah, se fosse boca, as histórias que contaria a você, inquisidor. Bastava piscar uma vez para deixar o ouvinte boquiaberto. Escreva o que você vê; seja feitiçaria, seja ciência branca, meu olho é o que você achar que ele é. Eu não tenho disfarces. Eu não tenho aparência. Meu rosto é uma testa longa e larga, como o resto da minha cabeça. Sobrancelhas tão abundantes que chegam a fazer sombra em meus olhos. A inclinação do nariz como a de uma montanha. Lábios que parecem tão grossos quanto meu dedo quando eu esfrego pó vermelho ou amarelo neles. Um olho que é meu e outro que não é. Furei minhas orelhas eu mesmo, pensando em como meu pai usava um turbante para esconder as suas. Mas eu não tenho disfarces. Isso é o que as pessoas veem.

Dez dias após deixar a casa de meu pai, cheguei a um vale, ainda úmido da chuva caída uma lua atrás. Árvores com folhas mais escuras que minha pele. Solo que suporta dez passos só para engoli-lo no próximo. Tocas de rastejadores, cobras e víboras. Eu era um tolo. Pensei se aprendia os velhos costumes esquecendo dos novos. Andando pelo meio do mato, eu dizia a mim mesmo que, ainda que cada som fosse novo, nenhum era assustador. Que a árvore não denunciava o local em que eu tentava me esconder. Que o calor em minha garganta não era febre. Que as videiras não queriam se enroscar no meu pescoço e me estrangular até a morte. E a fome, e o que se fazia passar por fome. A dor golpeando dentro da barriga até

cansar de golpear. À procura por bagas, à procura por casca de árvore fresca, à procura por macacos, à procura por comida de macacos. Mais loucura. Tentei comer terra. Tentei seguir as cobras que seguiam os ratos pela mata. Senti algo grande me seguindo. Escalei uma pedra, folhas úmidas me acertaram no rosto.

Acordei numa cabana, fresca como o rio. Fogo queimava do lado de fora, mas o calor estava dentro de mim.

— O hipopótamo é invisível dentro da água — disse uma voz.

Ou a cabana estava escura ou eu estava cego; não consegui distinguir.

— *Ye waren wupsi yeng ve.* Por que você não prestou atenção no aviso? — perguntou.

A cabana ainda era escuridão, mas meu olho viu um pouco mais.

— A víbora não tem discórdia com ninguém, nem mesmo meninos tolos. Oba Olushere, uma cobra tranquila ou gentil é a mais perigosa.

Meu nariz me guiou até a floresta. Não encontrei víbora. Duas noites atrás, quando ele me achara tremendo debaixo da árvore que chora, teve tanta certeza de que eu estava à beira da morte que cavou uma cova. Mas então eu tossi suco verde ao longo da noite. E ali estava eu, deitado numa esteira dentro de uma cabana que cheirava à violeta, folha seca e merda queimada.

— Responda do fundo do coração. O que você está fazendo na mata profunda?

Quis dizer a ele que eu vim em busca de mim, mas tais palavras eram as de um tolo. Ou algo que meu pai diria, mas naquela época eu ainda achava que havia um eu para ser perdido, sem saber que

ninguém jamais é dono do eu. Mas eu já havia dito aquilo outras vezes. Então fiquei em silêncio, na esperança de que meus olhos pudessem falar. Mesmo no escuro eu percebia que ele olhava para mim. Para mim e para as minhas ideias malucas sobre a selva, onde homens corriam com os leões, e comiam o que vinha da terra, e cagavam no meio das árvores, sem qualquer fabrico entre eles. Ele saiu do canto escuro e me deu um tapa.

— A única maneira de saber o que tem na sua cabeça é abrindo e olhando, ou você pode falar.

— Eu achei que...

— Você acha que os homens do mato e do rio rosnam e latem como cães. Que nós não limpamos a bunda quando cagamos. Que talvez a gente esfregue a merda em nossa pele. Eu falo com você de homem pra homem.

Você, inquisidor, é um homem que colhe palavras. Colha as minhas. Você tem verso para uma manhã fresca, verso para a aurora dos mortos, verso para a guerra. Mas o sol que se põe não precisa dos seus versos, o guepardo que corre também não.

Esse homem sábio não morava na aldeia, mas perto do rio. Seu cabelo era branco de cinzas e creme de leite. A única vez que vi meu pai nu, notei pontos escarificados nas suas costas, como um círculo de estrelas. Esse homem tinha um círculo de estrelas em seu peito. Ele morava sozinho na cabana construída com galhos de árvores para as paredes e mato para o telhado. Ele havia esfregado pó de pedra preta nas paredes até ficarem lustrosas, depois gravou padrões e pinturas, uma de certa criatura branca com braços e pernas grandes como árvores. Nunca vi nada do tipo.

— O que é uma coisa boa, pois não estaria vivo para me contar — disse ele.

Eu adormeci, acordei, adormeci, acordei e vi uma grande píton branca enrolada num tronco, acordei e vi a cobra esmaecer contra a parede. A luz do sol entrou e iluminou as paredes, e vi que estávamos numa caverna. As paredes feitas de cera de vela derretida sobre cera de vela derretida. Na penumbra, partes dela se pareciam com um rosto gritando, ou com pernas de elefante, ou com a racha de uma garota.

A parede, quando esfreguei a mão nela, parecia casca de inhame. Perto da abertura era macio, com arbustos despontando feito tufo de cabelo. Eu levantei e, dessa vez, não caí. Cambaleei por certo, como um homem encharcado de vinho de palma, mas consegui sair de lá. Eu tropeçava e fazia força contra a rocha para me equilibrar, mas aquilo não era rocha. Nem um pouco rocha. Casca de árvore. Mas muito comprida, muito grande. Eu olhei tão para cima quanto fui capaz de olhar e andei o mais que pude andar. Não só ainda estava o sol por trás dos galhos e folhas, como o tronco não tinha fim. Ao terminar de dar a volta nele, eu já havia me esquecido onde era o começo. Só no topo havia galhos, atarracados como dedos de bebê e estendidos numa teia de ramos e folhas. Folhas pequenas, grossas como pele, e frutas do tamanho da cabeça de um homem. Ouvi pezinhos correndo para cima e para baixo, um babuíno e seu filhote.

— A árvore baobá era a mais vistosa da savana — disse o feiticeiro atrás de mim. — Isso foi antes da segunda alvorada dos deuses. Mas que coisa... a árvore baobá sabia que era linda. Ela exigiu que todos os criadores de música cantassem sua beleza. Ela e sua irmã, mais bela que os deuses, mais bela que as Bikili-Lilis, cujos cabelos se tornaram os cem ventos. O que aconteceu foi o seguinte. Os deuses pariram a fúria. Eles desceram até a Terra, arrancaram

cada árvore baobá e as enfiaram de volta no chão de cabeça para baixo. Levou quinhentas eras para que as raízes produzissem folhas e mais outras quinhentas para que brotassem flores e frutos.

Em certa lua, todos os habitantes da aldeia vieram até a árvore. Eu vi como olhavam para ele enquanto se escondiam atrás dos galhos e das folhas. Uma vez, vieram três homens fortes da aldeia. Eram todos altos, de ombros largos, vincados nos lugares onde homens gordos carregam barriga, pernas fortes como as de um touro. O primeiro homem se revestiu da cabeça aos pés com cinzas, branco como a lua. O segundo marcou o corpo com listras brancas como as de uma zebra. O terceiro não brandia outra cor senão a de sua pele negra e opulenta. Eles usavam colares e correntes em volta da cintura que dispensavam mais adornos. Eu não sabia o que eles vieram buscar, mas sabia que, para eles, eu entregaria.

— Nós o observamos muitas vezes no mato — disse o listrado. — Você sobe nas árvores e caça. Sem habilidade, sem talento, mas talvez os deuses o estejam instigando. Qual é a sua idade em luas?

— Meu pai nunca contou luas.

— Esta árvore devorou seis virgens. Engoliu-as por inteiro. Você pode ouvi-las gritando à noite, mas é mais como um suspiro. Você acha que é o vento.

Ele me encarou por um tempo, depois todos riram.

— Você vem conosco para realizar o ritual Zareba de virilidade — afirmou o listrado.

Ele apontou para o enluarado.

— Uma cobra matou o parceiro dele pouco antes das chuvas. Você vai com ele.

Eu não disse que havia sido salvo de uma picada de cobra.

— Vamos nos encontrar no próximo sol. Você vai aprender os

modos de um guerreiro, não os de uma puta — falou o enluarado.

Eu fiz que sim. Ele olhou pra mim por mais tempo que os outros. Alguém gravara uma estrela em seu peito. Havia uma argola em cada orelha, que eu sabia que ele mesmo tinha furado. Ele era mais alto que os outros, por uma cabeça pelo menos, mas eu só havia percebido agora. Além disso, aqueles homens não seriam mais meninos em Juba.

— Você vem comigo — ouvi ele dizer, muito embora eu não tenha visto.

Os rituais de virilidade Zareba não têm mulheres. Mas, mesmo assim, você precisa aprender que usos o homem pode fazer delas. O Zareba está em sua cabeça; o Zareba é sair no mato em jornada do nascer do sol até o meio-dia. Você chega no salão dos heróis, com paredes de argila e telhado de palha. E bastões, e espaços para lutar. Os meninos entram para aprender com os guerreiros mais poderosos de todas as aldeias e todas as montanhas. Você se cobre de cinzas para que, à noite, você pareça ter vindo da lua. Você come mingau de sorgo. Você mata o menino que você é para se tornar o homem que você é, mas tudo precisa ser aprendido. Perguntei ao menino enluarado como eu aprenderia sobre mulheres sem mulheres para me ensinar.

Quer ouvir mais, inquisidor?

Uma manhã eu senti o cheiro de um afim me seguindo até o rio. Um menino que achava que eu era o filho de seu tio. Eu estava pescando. Ele veio até a margem e acenou para mim como se me conhecesse, até que viu que não me conhecia. Eu não disse nada. Sua mãe deve ter lhe falado sobre o Abarra, o demônio que aparece disfarçado de algum conhecido, com todos os pedaços do corpo, menos a língua. Ele não correu, mas se afastou lentamente da

margem do rio e sentou-se numa pedra. Ficou me observando. Ele não devia ter mais do que oito ou nove anos, com uma faixa de argila branca de orelha a orelha, passando por cima do nariz, e pintas brancas como as de um leopardo por todo o peito. Eu era um menino da cidade e não teria sorte pescando. Mergulhei minhas mãos dentro d'água e esperei. Eu sentia os peixes nadando, mas eles escorregavam sempre que eu tentava agarrá-los. Eu esperava, ele assistia. Então peguei um bem grande, mas ele se debateu e me assustou, e eu tropecei e caí dentro do rio. O garotinho riu. Eu olhei para ele e ri também, mas então um cheiro começou a vir de dentro da floresta, e foi ficando cada vez mais forte. Eu senti do que era — ocre, manteiga de karité, fedor de axila, leite de peito —, e ele sentiu também. Nós dois sabíamos que o vento estava trazendo alguém, mas ele sabia quem era.

Ela apareceu por entre as árvores como se tivesse brotado delas. Uma mulher mais alta, uma mulher mais velha, seu rosto já vincado e carrancudo, seu seio direito ainda sem murchidão. O esquerdo ela havia prendido com um pano atado ao ombro. Em volta da cabeça, uma faixa vermelha, verde e amarela. Colares de todas as cores, exceto azul, empilhados como uma montanha até a altura dos lóbulos das orelhas. Uma saia de pele de cabra com búzios sobre uma barriga embuchada por um bebê. Ela olhou para o menino e apontou para trás dela. Então olhou para mim e apontou para a mesma direção.

Numa manhã de sol preguiçoso, o feiticeiro me acordou com um tapa, depois saiu andando da cabana, dizendo nada. Ele deixou ao meu lado uma lança, sandálias e um pano para eu enrolar nos quadris. Levantei rapidamente e fui atrás dele. Margeando o rio, a aldeia se exibia com cabanas espalhadas por um campo. A primeira

era de montes de palha seca e com um bico parecido com um mamilo. Depois, passamos por cabanas redondas de argila, vermelhas e marrons, com telhados de palha e folhagem. No centro, as cabanas eram maiores. Redondas e construídas em grupos de cinco ou seis para parecerem castelos, com muros em volta delas dizendo que isso tudo é de um homem só. Quanto maiores as cabanas, mais lustrosas suas paredes, daqueles que podiam arcar com pó de pedra preta para esfregar nelas. Mas a maioria delas não era grande. Só um homem que tivesse muitas cabeças de gado poderia ter uma cabana para armazenar grãos e outra para cozinhar.

O homem que possuía as maiores cabanas tinha seis esposas e vinte filhas, nem um menino sequer. Estava à procura de uma sétima esposa que pudesse lhe dar, finalmente, um filho. Foi um dos poucos que saíram de sua cabana para me ver. Dois meninos e uma menina, nus e sem pintura, seguiram o feiticeiro e a mim, até que uma mulher gritou alguma coisa num linguajar agressivo, e eles voltaram correndo para uma cabana que havíamos deixado para trás. Estávamos agora no meio da aldeia, do lado de fora do conglomerado desse homem. Duas mulheres espalhavam uma camada fresca de argila na parede de um celeiro. Três meninos mais ou menos da minha idade voltavam de uma caçada com um antílope morto. Eu não vi o enluarado.

O retorno dos caçadores acordou a aldeia. Homens e mulheres, meninas e meninos, todos saíram de suas cabanas para ver os frutos da caçada, mas pararam ao me ver. O feiticeiro disse um nome que eu não conhecia. O homem com seis esposas saiu de casa e veio na minha direção. Era alto, com uma pança enorme. Uma tiara de argila cinza e amarela na parte de trás da cabeça, com cinco penas de avestruz no topo. A tiara por ser um homem, e cada pena

representava uma morte importante. Argila amarela contornava as maçãs do rosto, e cicatrizes de vitória cobriam seu peito e seus ombros. Aquele homem havia matado muitos homens, e leões, e um elefante. Talvez até mesmo um hipopótamo. Duas de suas esposas saíram da casa; uma era a mulher do rio.

O feiticeiro disse a ele:

— Pai que conversa com o crocodilo para que ele não nos coma durante a estação das chuvas, me escute.

Então ele falou para o homem alguma coisa que não entendi.

O homem olhou para mim dos pés à cabeça, da cabeça aos pés. Então se aproximou e disse:

— Filho de Aboyami, irmão de Ayodele, este caminho é o seu caminho, estas árvores são as suas árvores, esta casa é a sua casa, e eu sou seu amado tio.

Eu não conhecia aqueles nomes. Ou talvez fossem simplesmente nomes de pessoas que não tinham nada a ver comigo. Na mata, família nem sempre é família, e amigos nem sempre são amigos. Nem mesmo esposas são sempre esposas.

Ele me conduziu pela entrada e pátio adentro, onde crianças corriam atrás de galinhas. Elas tinham cheiro de argila, pólen e merda de galinha na sola dos pés. A casa tinha seis cômodos. Do outro lado da janela, duas esposas moíam farinha. Ao lado do celeiro, a cozinha exalava o cheiro doce do mingau; ao lado da cozinha, uma esposa se lavava em um fio de água que escorria por um buraco na parede. Ao lado dela, uma parede, comprida e escura, pontuada de mamilos feitos de argila. Depois, sob um telhado de palha, uma área sem cercas com bancos e tapetes, e, atrás disso, a maior das paredes. O quarto de dormir do meu tio, que tinha uma borboleta enorme sobre as esteiras de dormir. Ele reparou que eu

estava olhando e disse que os círculos no centro eram piscinas de água em movimento, que prometiam renovação a cada nova estação das chuvas, ou quando ele mergulhava na umidade do wiwi de sua nova esposa. Ao lado dessa parede ficava o cômodo que era despensa e quarto das crianças.

— Esta casa é a sua casa, estas esteiras são suas esteiras. Mas estas esposas são minhas — avisou ele com uma pequena risada, e eu sorri.

Sentamos na área sem cercas, eu numa esteira, ele numa cadeira tão inclinada que o deitava em vez de sentar. Talhado em curva para encaixar suas nádegas, firme no encosto de três ripas de madeira esculpidas como três fileiras de ovos. Lembro do meu pai suspirando quando roçava suas próprias costas numa cadeira como aquela. Uma cabeceira em curva como um enorme adorno de chifres. O grande encosto e as pernas grossas faziam com que ela parecesse um búfalo selvagem. Deitado ali, meu tio se transformara num animal poderoso.

— Sua cadeira. Eu já vi uma parecida, amado tio — comentei.

Ele se ajeitou na cadeira. Parecia incomodado por haver duas.

— O seu povo as produz? — perguntei.

— Os Lobi, marceneiros da cidade, alegam ter produzido a única que há. Mas o povo da cidade mente; é a sua natureza.

— Você conhece as ruas da cidade?

— Percorri muitas.

— Por que você voltou?

— Como você sabe que eu deixei a aldeia para ir para a cidade, e não a cidade para vir para aldeia?

Não soube responder.

— Onde você já viu essa cadeira? — perguntou ele.

— Na minha casa.

Ele balançou a cabeça e riu.

— Sangue do mesmo sangue sempre se comporta do mesmo jeito, mesmo se for separado pela areia — disse ele, dando um tapa no meu ombro. — Traga o meu vinho de seiva de palma e tabaco — gritou para uma de suas esposas.

O povo chamava a si mesmo e à sua aldeia de Ku. Um dia, eles já controlaram as duas margens do rio. Então, seus inimigos, os Gangatom, tornaram-se mais numerosos e mais fortes e muitos outros juntaram-se a eles, empurrando os Ku para o lado onde o sol se põe. Os homens de Ku têm talento para manusear arco e flecha, encontrar pasto fresco para o gado, beber leite e dormir. As mulheres têm talento para colher palha para os telhados, cobrir paredes de argila ou esterco de vaca, construir cercas para manter as cabras e as crianças que correm atrás das cabras, buscar água, remover a nata do leite, ordenhar as vacas, alimentar as crianças, preparar a sopa, lavar as cabaças, bater a manteiga. Os homens iam até os campos ali perto para semear e colher seus cultivos. Eles escavavam poços de água. Eu quase caí num buraco tão profundo que dele se ouvia o ronco de demônios ancestrais, tão grandes quanto árvores, ressoando em seu sono lá no fundo. O menino enluarado me disse que logo chegaria a época da colheita do sorgo, e as mulheres iriam até os campos com seus cestos para carregar os resultados da safra.

Um dia eu vi nove homens retornando à aldeia, altivos e pomposos da nova pintura que alguns traziam no corpo, ocre vermelha e manteiga de karité em outros, homens que pareciam ter nascido já guerreiros.

Quando a noite caiu, eles cantaram e dançaram e lutaram, e cantaram de novo, e puseram máscaras Hembra que pareciam chimpanzés, mas o menino enluarado disse que aquela era a imagem de todos os anciãos pregressos, para falar com eles nas árvores-espírito. Eles cantaram vestindo as máscaras Hembra para quebrar o feitiço de muitas luas de caçadas ruins. O tambor fazia um *kekeke*. *Bambambam, lakalakalakalaka* contra o vento.

A aldeia despertou em um novo aroma, e ele estava por toda parte. Novos homens e mulheres a desabrochavam, maduros. Eu os observei da casa do homem que seria meu tio, enquanto ele observava suas esposas e coçava a barriga.

— Um menino disse que me levaria para fazer os rituais de virilidade — comentei.

— Um menino lhe prometeu a Zareba? Sob o comando de quem? — perguntou meu tio.

— Por ele mesmo.

— Foi isso que ele lhe disse?

— Sim. Que eu seria seu novo parceiro, porque o anterior havia morrido picado por uma cobra. Eu falo sua língua agora. Eu conheço seus hábitos, amado tio. Sou sangue do seu sangue. Estou pronto.

— Quem é esse menino?

Mas eu não sabia onde vivia esse menino. Meu tio coçou o queixo e olhou para mim.

— Você nasceu quando você foi encontrado, e isso não

completou nem uma lua. Não se apresse para morrer tão cedo — disse ele.

Não falei a ele que eu já era um homem.

— Você os viu. Uns rapazes correndo por aí, menores do que os homens que voltaram para a aldeia.

— Que rapazes?

— Rapazes com as pontas vermelhas, o feminino arrancado do masculino.

Eu não entendi sobre o que ele estava falando, então ele me levou para fora. O céu estava cinza e pesado com a chuva que esperava para cair. Dois rapazes passaram correndo, e ele chamou o mais alto, seu rosto vermelho, branco e amarelo; o amarelo, uma linha no meio da sua cabeça até embaixo. Lembre-se, meu tio é um homem muito importante, com mais cabeças de gado do que o chefe, e até um pouco de ouro. O rapaz se aproximou, lustroso de suor.

— Eu estava perseguindo uma raposa — disse ele ao meu tio.

Meu tio fez um gesto para ele chegar mais perto. Ele riu, dizendo que o menino sabe ter a marca do fim da infância, e quer que toda a aldeia saiba. O menino se contorceu quando meu tio lhe agarrou as bolas e o pau como se estivesse querendo sentir seu peso.

— Olha — ordenou ele.

A tinta quase escondia a pele que não estava mais lá, cortada, revelando o viço da ponta arreganhada.

— No começo, todos nós nascemos dois — explicou meu tio. — Você é homem e é mulher, assim como uma menina é mulher e é homem. Esse menino será um homem, agora que o necromante arrancou a mulher dele.

Todo teso ficou o menino, mas ele tentava manter sua dignidade. Meu tio seguiu falando:

— E a menina deve ter o homem que vive em suas profundezas arrancado de sua neha para que se torne mulher. Porque o ser primordial é dois.

Ele afagou a cabeça do menino, o liberou e voltou para dentro.

No topo de uma rocha, homens se reuniam. Altos, fortes, negros e reluzindo com suas lanças. Observei-os parados de pé ali até o sol se pôr, transformando-os em sombras. Meu tio se voltou para mim, quase sussurrando, como se me desse uma notícia terrível em meio a estranhos.

— A cada sessenta vezes que a Terra voa ao redor do Sol, nós celebramos a morte e o renascimento. Os primogênitos eram gêmeos, mas só quando o homem divino jogou sua semente sobre a Terra fez-se a vida. É por isso que o homem que também é mulher e a mulher que também é homem são perigosos. Mas é tarde demais. Você já está muito velho, e agora será tanto homem quanto mulher.

Ele ficou me olhando até que suas palavras falaram com minha mente.

— Eu nunca serei um homem?

— Você será um homem. Mas este outro está dentro de você e fará de você um outro. Como os homens que perambulam por aí ensinando segredos de mulher às nossas esposas. Você saberá o que eles sabem. Por todos os deuses, você se deitará como eles se deitam.

— Amado tio, você me traz imensa tristeza.

Eu não disse a ele que a mulher já se debatia dentro de mim e que eu desejava os seus desejos, mas, fora isso, eu não me sentia como mulher, pois eu queria caçar antílopes e correr e me divertir.

— Eu quero ser cortado agora — disse eu.

— Seu pai deveria ter feito isso. Agora é tarde. Tarde demais. Você estará sempre no limite entre os dois. Sempre percorrerá duas

*image
not
available*

*image
not
available*

me atingiu, me fazendo jorrar e me fazendo berrar. A mulher gritou e o homem deu um pulo, empurrando-a para longe. Nós fugimos.

Meu pai me disse que deixou o lugar em que nasceu porque um sábio mostrou pra ele que ele estava entre pessoas atrasadas, que nunca criavam nada, não sabiam como colocar suas palavras no papel, e que trepavam apenas para procriar. Mas meu amado tio me disse o contrário. “Escute a árvore onde você vive agora, porque o seu sangue está lá.” Eu escutei, galho após galho e folha após folha, e não ouvi nada dos pais ancestrais. Certa noite ouvi lá fora a voz do meu avô, dirigindo-se a mim como se fosse seu filho. Eu saí e olhei para os galhos lá em cima e não vi nada além da escuridão.

— Quando você vingará a morte do seu pai? Um sono desassossegado me rege, enquanto aguardo por justiça — disse ele. — Com o assassinato de Ayodele, você é o filho e o irmão mais velho. Isso vai contra o plano dos deuses e deve ser vingado. Meu calor não esfriou, meu filho fraco.

— Eu não sou seu filho — disse eu.

— Seu irmão Ayodele, que é o mais velho, está aqui comigo, também com o sono inquieto. Ele espera pelo doce aroma do sangue inimigo — falou o espírito do meu avô, ainda me confundindo por seu filho.

— Seu filho não sou eu.

Eu era assim tão parecido com meu pai? Antes mesmo de eu ter cabelo, o dele era cinza, e nunca me enxerguei na imagem dele. Exceto pela teimosia.

— A rixa segue viva.

— Não tenho rixa com crocodilo, não tenho rixa com hipopótamo, não tenho rixa com homem.

— O homem que matou seu irmão também matou suas cabras —

*image
not
available*

escorregadia e movediça. A verdade estava me deixando enjoado.

Eu sabia que meu tio tinha mais palavras para me dizer; palavras que dariam sentido aos meus pensamentos, porque minha cabeça estava cheia de besteiras, e eu não conseguia mais acreditar nos meus próprios ancestrais. Ou talvez eu acreditasse em tudo. Eu acreditei em um velho que não era meu pai e em uma mulher mais jovem que era minha mãe. Mas talvez ela não fosse minha mãe. Eles dormiam no mesmo quarto, na mesma cama, e ele subia em cima dela do mesmo jeito que fazem os maridos; eu os havia visto. Talvez minha casa não fosse minha casa, e talvez meu mundo não fosse o mundo.

O espírito nos galhos mais altos dessa árvore era de fato meu pai falando comigo. Me dizendo para matar meu próprio irmão. E a aldeia sabia. Eles foram até a casa do meu tio perguntar. As velhas mandavam mensagens pelas crianças: “Quando você vingará seu irmão?” Os outros meninos me perguntavam enquanto me ensinavam a pescar: “Quando você vingará seu irmão?” Toda vez que alguém fazia a pergunta, ela ganhava vida nova. Após anos rejeitando ser parecido com meu pai, agora eu queria ser como ele. Exceto que ele era o meu avô; eu queria ser como meu avô. Minha avó tinha ficado louca por causa de sua sede por vingança.

— Onde ela mora? — perguntei ao meu tio.

— Numa casa construída por grandes aves e depois abandonada — respondeu ele. — Meio dia de caminhada a partir desta aldeia, se você for acompanhando a margem do rio.

Fui me sentar nos fundos do celeiro.

Fiquei lá por três dias.

*image
not
available*

TRÊS

Eis as coisas que eu vi.

Três dias e quatro noites na casa de Kava. Meu tio não reclamou. Ele era o homem daquela casa sob o sol e sob a lua, e achava que eu olhava para suas esposas do mesmo jeito que elas olhavam para mim: com a boca aberta e a língua para fora. Verdade seja dita, a casa do meu tio era grande o bastante para que pudéssemos passar um quarto de lua inteiro sem nos ver. Mas eu sentia o cheiro das coisas que ele escondia de suas esposas: tapetes caros da cidade debaixo dos tapetes vagabundos, peles preciosas de grandes felinos debaixo das peles vagabundas de zebra, moedas de ouro e amuletos em bolsinhas com o fedor do animal de cujas peles foram feitas. Sua ganância levou-o a se contrair para esconder tudo o que podia, o que o fazia parecer pequeno apesar de sua enorme pança.

Mas sobre a cabana de Kava.

Ele tinha panos e peles no chão que se revelaram roupas quando eu as ergui para observá-las. Pó preto dentro de uma cabaça para lustrar as paredes. Jarras d'água, jarras para manteiga batida, uma cabaça e uma faca para extrair sangue de vaca. Aquela era uma casa que ainda era comandada por uma mãe. Eu nunca perguntei se seus pais estavam enterrados ali embaixo, ou se talvez seu pai o tivesse deixado com sua mãe para que ele aprendesse trabalhos de mulher, já que ele nunca saía para caçar.

Eu não queria voltar para a casa do meu tio e não iria conversar com as vozes nas árvores, que nunca haviam me dado coisa alguma,

*image
not
available*

caindo no sono e acordando de repente. No dia seguinte, após uma longa caminhada e minhas reclamações sobre a longa caminhada, ouvi passos nas árvores acima de mim e olhei para o alto. Kava disse que ele vinha nos seguindo desde que desviamos para o Sul. Eu não sabia que estávamos indo rumo ao Sul. Lá em cima na árvore havia um leopardo negro. Nós andávamos e ele andava. Nós parávamos e ele parava. Eu agarrei minha lança com força, mas Kava olhou para cima e assobiou. O Leopardo saltou à nossa frente, nos encarou feio por muito tempo, rosnou e depois saiu correndo. Eu não disse nada, pois o que é possível dizer a alguém que tinha acabado de falar com um leopardo? Avançamos mais para o Sul. O sol havia se movido para o meio do céu cinzento, mas a selva era uma mata fechada por folhas e moitas, e fria. E por pássaros com seus *uacacacaca* e seus *caucaucaucau*. Deparamo-nos com um rio cinza como o céu e correndo devagar. Novas plantas brotavam de uma árvore tombada que conectava uma margem à outra. Na metade da travessia emergiram da água duas orelhas, olhos, narinas, e uma cabeça tão larga quanto uma canoa. O hipopótamo nos acompanhava com seus olhos. Suas mandíbulas se arreganharam, a cabeça dividiu-se em duas partes, e ele rugiu. Kava virou para trás e sibilou para ele. O animal mergulhou de volta rio adentro. Às vezes nós alcançávamos o Leopardo, e ele corria mais para dentro da floresta. Ele nos esperava sempre que ficávamos muito para trás. Apesar de a mata ter esfriado, eu suava mais.

— Vamos escalar — disse eu.

— Vamos escalar de onde o sol se pôs no Oeste.

Nós estávamos numa montanha.

Só é preciso ser dito que embaixo fica em cima para o embaixo mudar. Eu não estava mais andando para o Sul, eu estava andando

fosse comum ver uma coisa daquelas no mundo.

— Isso é o que acontece quando chegamos atrasados — comentou o Leopardo negro.

— Aquele bebê teria morrido do mesmo jeito, mesmo se tivéssemos corrido — disse Kava.

— Atrasado em dias, é o que digo; estamos dois dias atrasados. Essa morte suja as nossas mãos.

— Mais um motivo para salvar este aqui. Vamos adiante. As cobras verdes já sentiram seu cheiro. As hienas já sentiram o cheiro da outra.

— Cobras. Hienas. — O Leopardo negro riu. — Vou enterrar aquela criança. Não vou acompanhar vocês até fazer isso.

— Enterrá-la com o quê? — perguntou Kava.

— Vou encontrar alguma coisa.

— Então vamos esperar — determinou Kava.

— Não esperem por minha causa.

— Eu não espero por você.

— Cinco dias, Asani.

— Eu vou quando eu for, bichano.

— Eu esperei cinco dias.

— Você deveria ter esperado mais.

O Leopardo negro rugiu tão alto que eu achei que ele fosse retomar a forma animal.

— Vá enterrar a menina — disse Kava.

O Leopardo negro olhou para mim. Acho que aquela foi a primeira vez que ele notou que eu estava ali. Ele deu uma fungada, virou a cabeça e voltou para o meio do mato.

Kava respondeu a pergunta antes que eu a fizesse.

— Ele é como qualquer outro no mato. Os deuses o fizeram, mas

*image
not
available*

feras noturnas dormirem — ou você vai até o Leopardo e se deita sobre ele, ou ele em cima de você, ou talvez ele seja como um daqueles de quem meu pai gostava na cidade, que colocavam homens dentro de suas bocas?

O bebê, sentado, ria para o homenzinho e para a mulherzinha fazendo caretas e pulando pra cima e para baixo como macacos.

— Diga o nome dele.

Eu me virei. O Leopardo.

— Ele precisa de um nome — disse ele.

— Eu nem sequer sei o seu.

— Eu não preciso de um nome. Do que o seu pai o chamava?

— Eu não conheço meu pai.

— Até mesmo eu conheço o meu pai. Ele enfrentou um crocodilo e uma cobra e uma hiena só para enlouquecer com inveja humana. Mas ele perseguia com mais rapidez o antílope do que faz o guepardo. Você já fez isso? Mordeu fundo com seus dentes mais afiados até o sangue quente jorrar em sua boca, a carne ainda pulsando, cheia de vida?

— Não.

— Então você é como Asani.

— Meu tio o chama de Kava, e todos na aldeia.

— Você queima comida, depois come. Você come cinzas.

— Você irá embora esta noite?

— Eu vou embora só quando quiser. Vamos dormir aqui esta noite. Pela manhã, levamos o bebê por novas terras. Vou encontrar comida, mas não muita, já que todas as feras ouviram nossa aproximação.

Eu sabia que ficaria acordado aquela noite. Vi Kava e o Leopardo se afastando, as chamas crescendo, bloqueando minha visão. Disse a

*image
not
available*

elefantes e leões, assustamos algumas zebras. Passamos por um trecho de mata fechada com árvores de poucas folhas, como esqueletos de árvores, e seus sussurros eram muito altos. E continuamos correndo.

A manhã se insinuou como se prestes a mudar de ideia. O quarto dia desde que Kava e eu saímos de casa. A mulher pequena disse que aqueles em nosso encalço dormiam de dia e caçavam à noite. Então, nós andamos. Passamos por uma floresta de árvores mortas, e o ar ficou úmido mais uma vez, denso ao descer do nariz ao peito. As árvores tinham folhas mais uma vez, e as folhas estavam cada vez maiores e mais escuras. Encontramos um bosque com árvores mais altas do que qualquer outra coisa que já vi no mundo. Eu não teria homens suficientes para medi-las. Elas nem sequer eram árvores, e sim os dedos retorcidos de gigantes enterrados emergindo da terra e cobertos de grama, galhos e musgo verde. Caules enormes brotando do chão na direção do céu, caules enormes se desdobrando sobre si mesmos no solo, como um punho aberto. Passei por um e, ao seu lado, havia um camundongo. O terreno era composto de morros e pequenas colinas; nada era plano. Tudo dava a impressão de que outro dedo gigante poderia se erguer do chão, seguido por uma mão e um braço e um homem verde maior do que quinhentas casas. Verde e verde amarronzado e verde-escuro, e um verde que era azul, e um verde que era amarelo. Uma floresta delas.

— As árvores enlouqueceram — comentei.

— Estamos perto — disse Kava.

A neblina dividiu a luz em azul, verde, amarelo, laranja, vermelho e uma cor que eu não sabia que era o roxo. Cem ou cem mais um passos depois, todas as árvores se curvavam numa direção, quase se entrelaçando. Caules cresciam para o Norte e para o Sul, Leste e

*image
not
available*

— Eu trago algum cheiro da cidade?

— Você vem de um lugar no qual uma criança que nasce sem cor é uma maldição dos deuses. Traz doenças para a família e infertilidade para a mulher. Melhor jogá-la às hienas e rezar por um outro filho.

— Eu não venho de lugar algum. Um crocodilo caçando tem um coração mais nobre do que vocês, povo do mato.

— E onde ficam os corações nobres, menino, na cidade?

— Menino é como meu pai me chama.

— Mãe do céu, temos um homem entre nós.

— Ninguém joga seus filhos às hienas ou aos abutres. Você chama o coletor de crianças.

— E o que o coletor faz com elas na sua preciosa cidade? Que uso eles dão a uma menina como ela? — perguntou, apontando para a menina, que ria. — Primeiro, eles enviam mensagens pelos pássaros no céu e pelos tambores no chão, talvez até um bilhete escrito numa folha ou num papel para aqueles que o leriam. Dizendo que haviam pegado uma criança albina. Essas pessoas, quem? Diga para mim, garotinho. Você sabe quem são essas pessoas?

Eu fiz que sim com a cabeça.

— Feiticeiros e mercadores que vendem para feiticeiros. Pela criança inteira, seu coletor pode cobrar um bom preço. Mas para acumular uma verdadeira fortuna, ele leiloa cada pedaço pela maior oferta. A cabeça para a bruxa do pântano. A perna esquerda para a mulher infértil. Os ossos moídos até virarem pó, para que o pau do seu avô permaneça duro para diversas mulheres. Os dedos como amuletos, o cabelo para qualquer coisa que o feiticeiro lhe disser. Um bom coletor de bebês pode ganhar cinquenta vezes mais

*image
not
available*

olhos de Kava.

— Para onde vão as maldições? — perguntei.

— O quê?

— Todas essas crianças são amaldiçoadas. Se você as mantém aqui, você está empilhando maldições. Aquela mulher é uma bruxa? Ela tem o dom de remover maldições, dessas que vêm de dentro de um útero? Ou ela está apenas reunindo todas elas aqui?

Eu não consigo descrever a expressão em seu rosto. Mas meu avô me olhava daquele jeito o tempo todo, e me olhou assim o dia inteiro no dia em que fui embora.

— Ser tolo também é uma maldição — disse ele.

*image
not
available*

túnica seguia no lugar, mesmo com a brisa. Seu vestido cobria seus seios. Na verdade, ela estava de pé no teto do mesmo jeito que eu estava de pé no chão. E as crianças, todas as crianças, estavam deitadas no teto. De pé no teto. Correndo umas atrás das outras, por cima e por baixo, de um lado para o outro, chiando e gritando, pulando e sempre caindo de volta no teto.

E que crianças? Meninos gêmeos, cada um com sua própria cabeça, suas próprias mãos e pernas, mas unidos pela lateral e compartilhando da mesma barriga. Uma garotinha feita de fumaça azul fugindo de um menino com um corpo tão grande e redondo quanto uma bola, porém sem pernas. Outro menino, a cabecinha lustrosa e tufo de cabelo enrolado que pareciam pintas, um corpo pequeno, mas pernas compridas como as de uma girafa. E outro menino, branco como a garota de ontem, mas com olhos grandes e azuis como bagas. E uma menina com o rosto de um menino atrás de sua orelha esquerda. E três ou quatro crianças que se pareciam com a criança de qualquer mãe, porém, estavam de pé, de cabeça para baixo, no teto, olhando para mim.

A bruxa se moveu na minha direção. Eu podia tocar no topo de sua cabeça.

— Quem sabe a gente esteja no chão e você esteja no teto — disse ela.

Assim que ela disse aquilo, eu me soltei do chão e estiquei meus braços bem rápido, antes de bater a cabeça no teto. Minha cabeça deu um nó. A criança de fumaça apareceu na minha frente, mas eu não fiquei assustado nem surpreso. Não havia tempo para pensar, mas por certo pensei, que mesmo uma criança fantasma é antes uma criança. Minha mão a atravessou e espalhou um pouco de sua fumaça. Ela fechou a cara e fugiu pelo ar. Os irmãos siameses se

*image
not
available*

Esculpida na madeira mais dura e envolta em vestes de bronze, com um búzio em seu terceiro olho, penas saindo de suas costas, e dezenas e mais dezenas de pregos martelados em seu pescoço, ombros e peito.

— Nkisi? — perguntei.

— Quem te mostrou um desses — disse Sangoma, não como uma pergunta.

— Na árvore dos feiticeiros. Ele me disse o que eles eram.

— Este é nkisi nkondi. Ele persegue e castiga o mal. As forças do além se voltam a ele, em vez de a mim; senão eu ia enlouquecer e conspirar com demônios, como uma bruxa. Há remédios na cabeça e na barriga.

— A menina? Ela acabou de ter um sono difícil — disse eu.

— Sim. E eu tenho uma mensagem para o provocador.

Com um aceno de cabeça para o Garoto Girafa, ele puxou um prego que havia sido martelado no chão. Ele pegou um porrete e o martelou no peito do nkisi.

— Mimi waomba nguvu. Mimi waomba nguvu. Mimi waomba nguvu. Mimi waomba nguvu. Kurudi zawadi mari kumi.

— O que você fez? — perguntei.

O Garoto Girafa cobriu o nkisi, mas nós o deixamos lá fora. Eu peguei a menina para colocá-la no chão, e ela estava sólida ao toque. Sangoma olhou para mim.

— Você sabe por que ninguém ataca este lugar? Porque ninguém consegue vê-lo. É como fumaça venenosa. As pessoas que estudam o mal sabem que existe um lugar para os mingi. Mas elas não sabem onde fica. Mas isso não impede que elas mandem feitiços no ar.

— E o que você fez?

— Eu devolvi o presente ao emissário. Dez vezes mais forte.

*image
not
available*

farejei, mas passei cinco vezes por ele, gritando “Onde está esse garoto?”, e ele riu quando eu gritei “Estou sentindo seu cheiro”.

Em sete dias, completaria duas luas de morada com a Sangoma. Eu perguntei a Kava:

— Ninguém de Ku virá atrás de nós?

Ele olhou para mim como se o seu olhar fosse uma resposta.

Ouçã agora, padre. Três histórias sobre o Leopardo.

Uma. Uma noite precha de calor. Às vezes eu acordo quando o cheiro de homens fica mais forte no lugar em que estou, e sei que eles estão se aproximando, a cavalo, a pé, ou numa quadrilha de patifes. Às vezes eu acordo com o cheiro enfraquecendo, e sei que eles estão indo embora, fugindo, se afastando, ou procurando esconderijo. O cheiro de Kava estava ficando mais fraco, e o do Leopardo também. Não havia lua aquela noite, mas algumas ervas daninhas brilhavam, criando um caminho iluminado no escuro. Eu corri por entre as árvores e meu pé se prendeu num galho. Bati a bunda, bati a cabeça, rolando, tropeçando como um pedregulho que despenca morro abaixo. Vinte passos mato adentro e lá estavam eles, debaixo de uma jovem árvore iroko. O Leopardo, de barriga na grama. Ele não era um homem; sua pele era negra como cabelo e sua cauda chicoteava o ar. Ele não era o Leopardo; suas mãos seguravam um galho e suas nádegas firmes batiam contra Kava, que metia nele com fúria.

Como eu odiava Kava, e não importava se era o buraco de mulher na ponta do meu membro viril que me fazia odiá-lo, eu o odiaria mesmo que entre minhas pernas houvesse o galho de uma árvore, pois todo o meu ódio nada tinha a ver com a mulher, porque

*image
not
available*

ama?

Ele olhou nos meus olhos. Ou seus bigodes tinham acabado de crescer, ou eu tinha acabado de vê-los.

— Ninguém ama ninguém — disse ele.

Ele se virou e cumprimentou a árvore com a cabeça. A árvore espichou braços para recebê-lo e expôs um buraco bem perto de onde ficaria um coração, um buraco através do qual eu podia ver tudo. O Leopardo já estava com o arco em sua mão esquerda, a corda na direita, uma flecha entre os dedos. Antes mesmo que eu pudesse vê-lo erguer o arco, esticar a corda e soltar sem barulho a flecha que acertou o buraco na árvore, ele já tinha disparado uma segunda. Ele puxou a corda e disparou mais uma, e depois me entregou o arco. Eu achei que ele seria leve, mas era quase tão pesado quanto o bebê na floresta.

— Siga minhas instruções — orientou ele, segurando o arco na frente do meu nariz.

Ele se moveu para a esquerda e meus olhos o acompanharam. Seu braço se esticou muito, e eu girei o pescoço para ver se ele estava prestes a me dar um tapa, ou fazer alguma outra maldade desse tipo. Então ele mexeu sua mão direita, e eu o acompanhei com os olhos até não mais poder.

— Segure com sua mão esquerda — disse ele.

— Sua flecha — falei.

— O que tem ela?

— Brilha como o ferro.

— É de ferro.

— As flechas dos Ku são feitas de ossos e quartzo.

— Os Ku ainda matam as crianças cujos dentes de cima nascem primeiro.

*image
not
available*

— Eu não a odeio. Eu não sinto nada por ela. Quando ela morrer, eu não vou lamentar, mas também não vou rir.

— Minha mãe me amamentou por três luas e depois me deu carne vermelha para comer. Foi só o que bastou. Mas, enfim, eu sou uma fera.

— Meu avô era um covarde.

— Seu avô é o motivo pelo qual você está vivo.

— Melhor me dizer alguma coisa que me deixe orgulhoso em vez disso.

Ele veio para cima de mim, chegou perto o bastante para que eu sentisse o seu hálito no meu rosto.

— Que cara mais azeda — comentou.

Ele me encarou profundamente, como se estivesse tentando encontrar meu rosto perdido.

— Você foi embora porque o seu avô é um covarde.

— Eu fui embora por outros motivos.

Ele virou as costas e abria os braços enquanto andava, como se estivesse conversando com as árvores, não comigo.

— É claro — disse o Leopardo. — Você foi embora para encontrar o seu propósito. Porque caminhar, comer, cagar e trepar são todas coisas boas, mas nenhuma delas é um propósito. Então você está em busca disso, e essa busca o levou à aldeia Ku. Mas o propósito daquele seu povo é matar pessoas que nem sequer conhece. Segue de pé o que eu disse. Não há futuro em sua forma. E aqui estamos nós. Aqui está você, e as mulheres Gangatom banham seus filhos do outro lado do rio. Você poderia ir até lá e matar alguns deles. Corrigir um erro do passado. Até mesmo agradar os deuses e o seu vil senso de equilíbrio.

— Você está blasfemando os deuses?

*image
not
available*

outra coisa. Agora, eu arremesso a machadinha. Às vezes duas ao mesmo tempo.

— Dez mais sete anos de pureza, me curvando aos ancestrais, aprendendo adivinhação e os ensinamentos do mestre que eu chamava de Iyanga. Aprendi a fechar o meu olho e encontrar coisas escondidas. Antídotos para desfazer feitiços. Esta é uma cabana sagrada. Os ancestrais viveram aqui, ancestrais e crianças, algumas delas ancestrais reencarnados. Algumas delas, apenas crianças com dons. Assim como você é uma criança com um dom.

— Eu não sou...

— Modesto, você. Isso está claro, menino. Você também não é nem paciente, nem sábio, nem mesmo muito forte.

— Ainda assim, você mandou Kava e o Leopardo trazerem esse menino sem qualidades até aqui. É melhor eu ir embora?

Eu me virei para sair.

— Não!

Foi mais alto do que ela pretendia, e ambos sabíamos.

— Faça como quiser. Volte para o seu avô, que se faz passar por seu pai — disse ela.

— O que você quer, bru... Sangoma?

Ela acenou com a cabeça para o menino de pernas compridas. Ele foi até o fundo da sala e voltou trazendo uma bandeja de bambu trançado.

— Durante a minha ithwasa, meu mestre me disse que eu seria capaz de ver longe. Muito longe — contou Sangoma.

— Feche seus olhos, então.

— Você precisa respeitar os anciãos.

— Eu respeitarei quando conhecer anciãos que eu possa respeitar.

*image
not
available*

Eu não disse nada. Eu tentava pintar atrás dos meus joelhos. Kava veio por trás de mim e pegou um pouco de argila branca em suas mãos. Ele a esfregou nas minhas nádegas, e depois desceu pelos joelhos até minhas panturrilhas.

— Leopardos são ardilosos. Você sabe como eles se comportam? Você sabe por que eles andam sós? Porque eles traem até mesmo a própria raça, e por presas que nem as hienas tocariam.

— Ele traiu você?

Kava ergueu o olhar para mim, mas não disse nada. Ele estava pintando minhas coxas. Eu queria que ele parasse.

— Depois que vocês encontrarem o menino, ele seguirá na direção de terras ainda mais ao Sul. A campina está secando, e há uma escassez de presas.

— Se ele quiser.

— Ele já é homem há muito tempo. Caçadores o matarão em duas noites. As presas de lá são mais selvagens, feras que o partiriam ao meio. Lá fora, os caçadores têm flechas envenenadas, e eles matam crianças. Existem feras maiores do que essa árvore, folhas de grama sedentas de sangue, feras que o...

— Partiriam ao meio. O que você quer que ele faça?

Kava lavou a argila de suas mãos e começou a desenhar um motivo nas minhas pernas.

— Ele partirá comigo, e esquecerá dessa mulher e de suas crianças amaldiçoadas. Salvá-las e trazê-las até aqui foi ideia dele, não minha. Se eles deveriam viver ou morrer, isso dizia respeito aos deuses. Quem mora lá no topo? — perguntou.

— Eu não...

— Ela leva comida lá pra cima todo dia. E agora ela leva você.

— Ciúmes.

Leopardo.

— Ele está sete dias à nossa frente. Isso se alguém não o encontrou primeiro — explicou às minhas costas, confiando no meu faro, muito embora eu mesmo não confiasse.

O rastro do menino era muito forte em certo ponto, muito fraco em outro, confuso mesmo que estivesse percorrendo aquele caminho bem na minha frente. Duas noites depois, ele ainda estava à nossa frente.

— Por que ele não foi para o Norte, de volta para a aldeia? Por que foi para o Oeste? — perguntei.

Parei, e o Leopardo passou andando por mim, virou para o Sul e parou após dez passos. Ele se inclinou para cheirar a grama.

— Quem disse que ele era da sua aldeia? — redarguiu ele.

— Ele não foi para o Sul, se você está tentando farejar o menino.

— Ele é sua responsabilidade, não minha. Eu estou farejando o jantar.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele já estava sobre as quatro patas, sumindo mato adentro. Aquela era uma região seca, as árvores compridas como varas, como se estivessem sedentas por chuva. O chão era vermelho e duro, de barro seco. A maioria das árvores não possuía folhas, e dos galhos brotavam galhos, dos quais brotavam galhos tão finos que eu primeiro pensei que fossem espinhos. Parecia que a água tinha feito daquele lugar um inimigo, mas uma fonte d'água exalava suas fragrâncias não muito longe dali. Próximo o bastante para que eu pudesse ouvir a água espirrando, o som do rosnado e de uma centena de cascos batendo em retirada.

Ainda sobre as quatro patas, o Leopardo chegou em mim antes que eu chegasse ao rio, um antílope morto em sua boca. Naquela noite, enojado, ele me assistiu cozinhar a minha porção. Ele tinha

*image
not
available*

— Você também acreditou.

— Eu não acredito em medo, mas eu acredito na crença dela. Além do mais, existem, pelo menos, dez mais seis encantamentos para despistar caçadores e andarilhos.

— Como víboras?

— Não, essas são sempre reais — disse ele, com um sorriso perverso.

Ele se inclinou para frente e me segurou pelo ombro.

— Vá ter bons sonhos. Amanhã encontraremos o menino.



Saltei do meu sono e caí de pé, desesperado por ar. Não era ar. Saí correndo para esquerda e para direita como se tivesse perdido alguma coisa, como se alguém tivesse me roubado. Aquilo acordou o Leopardo. Andei para a esquerda, direita, Norte e Sul, tapei meu nariz e respirei fundo, mas nada. Eu estava quase pisando nas cinzas da fogueira quando o Leopardo segurou minha mão.

— Meu faro está cego — disse eu.

— Quê?

— O cheiro dele, eu o perdi.

— Você quer dizer que ele...

— Sim.

Ele sentou no chão.

— Mesmo assim nós deveríamos pegar a vesícula para ela — disse ele. — Vamos seguir para o Norte.

Levamos até o anoitecer para sair daquela floresta. O mato, seduzido pelos nossos aromas frescos, não nos deixava ir embora, golpeando e chicoteando nossos peitos e nossas pernas, esticando seus galhos para puxar nossos cabelos, espalhando espinhos pela

*image
not
available*

de um demônio. Mas os arredores eram só pessoas mortas. Meu coração, o tambor dentro de mim, batia tão alto que eu podia ouvi-lo. Meu tambor batia dentro do meu peito, e meu corpo todo tremia. A voz putrefata disse:

— Os deuses nos enviaram um gordinho, olha só. Um gordinho eles mandaram para nós.

Eu gosto da carne

E dos ossos

Sasa gosta do sangue

E da semente. Ele mandou pra nós você.

Ukwau tsu nambu ka takumi ba

Eu me virei. Ninguém. Olhei para frente, o menino. Os olhos do menino estavam abertos, eu não tinha percebido antes. Bem abertos, gritando para o nada, gritando conosco por termos chegado tarde demais. *Ukwau tsu nambu ka takumi ba*. Eu conhecia aquela língua. *Coisa morta não falta quem coma*. O vento mudou de direção nas minhas costas. Eu me virei. Ele estava pendurado de cabeça para baixo. Uma mão cinzenta enorme segurou meu pescoço, e garras atravessaram minha pele. Ele me apertou até me deixar sem ar e me puxou para cima da árvore.

Não sei por quanto tempo minha mente ficou apagada. Um galho de uma videira serpenteava pelo meu peito, contornando meu tronco, enrolando minhas pernas e minha testa, deixando meu pescoço livre e minha barriga, exposta. O menino estava pendurado bem à minha frente, olhando para mim, seus olhos arregalados, procurando. Sua boca ainda estava aberta. Eu achei que aquela tinha sido a pose de sua morte, o último grito que não conseguiu sair, até que vi uma coisa em sua boca, negra, mas também verde. A vesícula.

— Quebra dente dói nós, quando a gente quer era um gostinho.

*image
not
available*

um menino, a minha própria voz me dizendo: “Uma criança, é isso o que você é.” Ele se abaixou na direção da sacola e levantou trazendo uma machadinha. Eu caí em seus braços e fiquei lá, chorando. Ele acariciou minhas costas e afagou minha cabeça.

— Nós temos que ir. Eles viajam aos pares, criaturas desse tipo — explicou o Leopardo.

— Com o irmão?

— Eles moram nas árvores e atacam de cima, mas eu nunca tinha ouvido falar de um tão longe da costa. Ele é um Asanbosan, o comedor de carne. Seu irmão, Sasabonsam, é o bebedor de sangue. Ele também é mais o inteligente dos dois. Nós temos que ir agora.

— A vesícula.

— Eu peguei.

— Onde ela está?

— Nós temos que ir.

— Eu nunca vi você...

Ele me empurrou.

— Sasabonsam voltará logo. Ele tem asas.

*image
not
available*

As hienas estavam rindo, se organizando, decidindo quem deveria matá-lo. E aquela árvore, alta e com galhos finos, não dialogava com as outras ao seu redor. Pulei de um galho elevado, agarrei outro, balancei dali e caí sobre a árvore, quebrando todos os galhos à minha volta, engolindo folhas e arranhando as pernas e o lado esquerdo do meu rosto. As quatro hienas se aproximaram, e a Menina Fumaça tentou pegar o menino. Hienas grandes, as maiores da alcateia. Fêmeas. Arremessei um punhal numa pata e errei. Uma deu um pulo para trás, bem no meu segundo arremesso, que atingiu sua cabeça. Uma saiu correndo, duas ficaram, rosnaram e riram.

Uma machadinha em cada mão, uma faca em minha boca, saltei das alturas, bem para a frente de uma das hienas remanescentes, desfechando com rapidez dois cortes na sua cara, desfechando e cortando, e desfechando e cortando, até que o sangue e a carne atingiram meu rosto, me cegando. Ela me derrubou e mordeu minha mão esquerda, rasgando-a, quebrando-a, me fazendo cerrar os dentes e assustando o menino. A segunda tentou morder meus pés. Esfaqueei a primeira hiena no pescoço. Puxei a faca e esfaqueei de novo. Esfaqueei de novo. Esfaqueei de novo. Ela caiu. A hiena tentando abocanhar meus pés se aproximou para me morder. Golpeei com a minha mão boa, e a faca rasgou sua cara, rebentando um olho. Ela soltou um ganido e saiu correndo. Duas outras hienas abocanharam o pouco de carne que havia sido deixada pelas outras e foram embora.

Minha mão esquerda, ensanguentada com retalhos de carne pendurados, desfaleceu. O menino ficou tão assustado que se afastou de mim. A Menina Fumaça correu até mim e fez um gesto para que ele se aproximasse. Bem quando ele começou a correr, uma hiena saltou sobre ele. Ela caiu bem em cima do menino, morta

*image
not
available*

inclinando docilmente sobre o meu peito, seu sangue morno se espalhando pela minha pele.

Isso era o que eu queria dizer ao feiticeiro.

Queria dizer o motivo pelo qual ele não conseguia me ver no escuro, ouvir meus movimentos pelo mato nem me farejar em seu encalço, acossando-o enquanto ele fugia da tempestade que havia se abatido sobre seus homens; o motivo pelo qual ele tropeçou e caiu; o motivo pelo qual nenhuma das pedras que ele achou e arremessou me atingiram, nem os excrementos de chacal que ele confundiu com pedras; o motivo pelo qual, mesmo após ter paralisado Sangoma no teto com um encantamento e a matado, o feitiço dela ainda me proteger. Eu queria dizer que o motivo de tudo era porque aquilo nunca teve a ver com feitiçaria. Em vez disso, desferi de oeste uma facada em seu pescoço e fui abrindo sua garganta até o Leste.

Meu tio gritou para que não fossem embora os últimos dois que estavam perto dele. Ele dobraria seus búzios, triplicaria, para que pudessem arcar com mais homens para lutar em suas disputas sangrentas ou arrumar uma outra esposa numa aldeia mais agradável. Ele sentou na terra, achando que estavam vigiando o mato, mas eles estavam vigiando a carne no espeto. O da direita caiu primeiro, minha machadinha cortando seu nariz em dois e abrindo seu crânio ao meio. O segundo correu pra cima da minha lança. Ele caiu, e não foi rápido. Enfiei minha lança em sua barriga e a finquei no chão, e parti em direção do seu pescoço. Tempo o bastante para meu tio pensar que havia esperança. De fugir.

Minha faca o atingiu na parte de trás de sua coxa direita. Ele caiu com força, gritando e clamando aos deuses.

— Qual das crianças você matou primeiro, Titio? — perguntei, de pé, sobre ele.

Quando o sol nasceu, levamos as crianças até as únicas pessoas que as receberiam, pessoas para quem uma criança jamais seria uma maldição. Os aldeãos de Gangatom puxaram suas lanças quando viram nossa aproximação, mas nos deixaram passar quando o Leopardo anunciou aos brados que trazíamos presentes para o chefe. Aquele homem alto, magro, mais guerreiro que soberano, saiu de sua cabana para nos examinar, protegido por uma parede de guerreiros. Ele voltou o rosto para o Leopardo, mas seus olhos nas sombras, fundos sobre as sobrancelhas, ficaram fixados em mim. Ele usava uma argola em cada orelha e dois colares de contas em volta do pescoço. Seu peito, uma parede de cicatrizes de dezenas e mais dezenas de mortes. O Leopardo abriu sua sacola e deixou cair a cabeça do Asanbosan. Até mesmo os guerreiros saltaram para trás.

O chefe fitou aquilo por tempo o bastante para que moscas se acumulassem. Ele passou pelo meio dos guerreiros, catou-a do chão e riu.

— O comedor de carne e o irmão bebedor de sangue pegam minha irmã, sugam seu sangue até o limite da vida e a alimentam com imundice para fazer dela sua escrava de sangue. Ela passa a viver debaixo da árvore deles, comendo os restos dos homens mortos. Ela os segue por toda parte, até que se cansem dela. Segue eles por dentro de rios, por cima de paredes, sobre um formigueiro de formigas-de-fogo. Um dia o Sasabonsam pega seu irmão e voa de um precipício, sabendo que ela os segue.

Ele ergueu a cabeça e riu mais uma vez. As pessoas comemoraram. Depois, ele olhou para mim e parou de rir.

— Então, Leopardo, é coragem ou tolice isso que você tem? Trazer alguém de Ku aqui?

— Ele também lhe traz presentes — disse o Leopardo.

*image
not
available*

— Você parece bem, tão diferente, um homem agora — disse ele.

— Você parece igual.

— Como está o seu nariz?

— Este nariz pagará por este vinho, já que não estou vendo você portar nenhuma bolsa.

Ele riu e disse que trazia uma proposta.

— Preciso que você me ajude a encontrar uma mosca.